



CRÍTICA FILME | ELZA

POR **RODRIGO FONSECA**

Um jorro de afetos espalhado na tela

Novo filme de Eryk Rocha - único diretor do país a ter vencido o troféu L'Oeil d'Or de Cannes, com "Cinema Novo", há dez anos - "Elza", menção honrosa do Prêmio Olhar Brasil, é uma biopic nada convencional. Em 2012, o realizador apresentou um retrato de vida totalmente inusitado em "Jards" (sobre o cantor e compositor Jards Macalé), que lhe valeu (merecidamente) o Troféu Redentor de Melhor Realização.

Ali, Rocha transformou o que deveria ser uma narrativa informativa sobre os feitos de uma ave canora da MPB num musical realista, sem espaço para dados de Wikipedia. Agora, ao passar em revista a história de Elza Soares (1930-2022), o cineasta trilha um caminho épico, na forma de uma pintura muralista da História do(s) tempo(s) de sufo-

co e de glória da intérprete, usando as tintas da filmografia autoral nacional - em especial "Rio, Zona Norte" (1957), de Nelson Pereira dos Santos - como tinta.

Alcança com isso, numa prova de amadurecimento, um nível de requinte que dá moldura à sua pulsão dionisiaca sem refreá-la, embelezando sua estética demiúrgica no compasso do viver de Elza. Ela é a partitura. O diretor de "Rocha Que Voa" (2002) deixa a própria cantora conduzir (espiritualmente) a travessia por quase um século de vida - e cerca de sete décadas de música - numa forma de narrar em desabafo. Combina imagens inéditas, arquivos raros e conversas registradas pelo próprio Eryk ao longo de oito anos de filmagens. O craque Garrincha (1933-1983), paixão fulminante da diva, fruída ao longo de 17 anos assombra-



Construído pacientemente ao longo de 12 anos, 'Elza' comprova o amadurecimento de Eryk Rocha como cineasta

dos pelo álcool (porém acolchoados por um benquerer covalente) é um dos pontos cardeais de sua fala.

A rouquidão gutural de Elza

vira estrutura dramática de um diário de memórias, desejos, perdas e reinvenções que, em vez de explicar um ícone, usa sua existência para

radiografar um Brasil em permanente ebulição, num jogo de confluências com imagens históricas do nosso cinema. A peleja antirracista e antimachista ganha holofotes nos relatos que são recuperados ao longo da edição. A sinuosa montagem, que põe o público num transe nas sequências em que a "biografada" solta o gogó, foi construída por Ava Rocha (irmã de Eryk) com Santiago Obejero Paz, mais a colaboração de Cristina Amaral e Renato Vallone (parceiro habitual do cineasta). Ao montarem os planos, em interseções com registros do passado e filmes consagrados, esses artistas se alinham afinadamente com o desenho de som mais refinado do festival, feito pelo mago Waldir Xavier. É dele a edição sonora, tendo Toco Cerqueira a cargo da mixagem.

Depois da estreia mundial no Festival do Rio, "Elza", uma produção da Aruac Filmes e da Maria Farinha Filmes (que também será sua distribuidora, junto com a Gullane+), em coprodução com Globo Filmes e GloboNews, estará, no próximo dia 18, na grade do Festival de Roma, na Itália, ampliando sua carreira internacional antes da chegada aos cinemas brasileiros.

PARABÉNS AOS PREMIADOS. MAS QUEM VENCEU MESMO FOI O AUDIOVISUAL NACIONAL.

NASCEU O PRÊMIO OLHAR BRASIL, DO CORREIO DA MANHÃ: UMA ESTATUETA, UM JÚRI DE JORNALISTAS E UM OLHAR DEDICADO AOS FILMES QUE LEVAM A PLURALIDADE DE UM PAÍS QUE É MUITOS BRASIS. CONHEÇA OS VENCEDORES:



Realização:

Correio da Manhã

www.correiodamanha.com.br / @correiodamanhabr / @colunamagnavita